

TEATRO DE COMEDIA

"CENÁRIOS"

19 SALA DE ESTAR MODERNA E LUXUOSA, COM TORRA
DE ENTRADA AO FUNDO E UMA PAREDE DE PEDRA A
DIREITA QUE HAZ ANGULO. FORMA UM RECAPO DE
DE JARDIM COM MUITAS PLANTAS E UMA GAIOLA COM
UMA ABARA COLORIDA.

20 BALUSTA COLONIAL DE CASA DE CAMPO COM MESAS
DE JOGO E CADEIRAS TAMBEM NO ESTILO COLONIAL.

CINZAS
LA LIT

CENARIOS:

- 18 - SALA DE ESTAR, MODERNA E LUXUOSA, COM PORTA DE ENTRADA AO FUNDO E UMA PAREDE DE PEDRA A DIREITA QUE, EM ANGULO, FORMA UM RECANTO DE JARDIM, COM MUITAS PLANTAS E UMA GATOJA COM UMA ADANA COLORIDA.
- 22 - SALA COLONIAL DE CASA DE CADERO, COM MESA DE JOGO E CADEIRAS TAMBEM NO ESTILO COLONIAL.

ABERTURA EM UM DESEJO DE COPO DE WHISKY, NA MÃO DE ESTEVÃO, QUE ESTÁ DE PÉ, ATRÁS DAÍLA, QUE ESTÁ SENTADA A FRENTE DE UMA MESINHA, FAZENDO MANEIRAS COM CARTAS DE BARALHO.

AFASTAMENTO ATRÁS ENQUADRAMENTO OS DOIS.

ESTEVÃO - Você não vem aqui beber a sua poelha pelas noites, hein Dalila?
 DALILA - Ora você, Estevão, trancafiado! Você tem a coragem de dizer que está aqui? Onde que está aquela importância grande na casa dos Senhores de Castro, que prometeu a você nunca mais jogar à a carta, quando assim tinha prometido.
 ESTEVÃO - Eu sei, querida, mas em compensação, passo os dias inteiros fazendo paciência, e que não reflete a sua poelha pelas noites.
 DALILA - Em, mas agora eu lhe pergunto: está suas algum prejuizo a você ou a mim?
 ESTEVÃO - Absolutamente.
 DALILA - Pois então não vale a pena para que você esteja a reclamar, não hein?
 ESTEVÃO - Mas querida, eu não estou reclamando, estou apenas conversando com você, naturalmente.

DALILA VOLTA A FAZER PACIÊNCIA. ESTEVÃO TOMA O ÚLTIMO COPO DE WHISKY E VAI COILOCAR O COPO NO BARATELO. VOLTA E FAZENDO UMA EXEMPÇÃO MANEIRA, DE O COPO QUE ESTÁ EM MÃO.

ESTEVÃO - Querida... eu... eu não sei se

Já lhe falei a respeito de um convite que tivemos para a semana de carnaval...

DALYIA -- Convite? Não, você não me falou nada... Quem nos convidou?

ESTEVÃO -- (DEPOIS DE UMA PEQUENA PAUSA) - OBSERVANDO-A REACÇÃO DA D. DALYIA) O doutor Albuquerque. Ele quer que passemos na sua fazenda de Mangueira Florida os dias de carnaval.

DALYIA -- O quê? ... O doutor Albuquerque está louco?! ... Quem é que vai meter-se no meio do mata, em? Dama no livro! ... Tenho verdadeiro horror ao silêncio e à solidão. Nesse caso prefiro mil vezes ir visitar minha amiga Adalgisa que está de parte, a necessitando de uma companhia e ficar na semana com ela, no senão isto, onde ao menos não corre o perigo de se esquecerem pelas festas.

ESTEVÃO -- Está bem, eu vou preferir... Mas e nossa filha? Que fazemos com ela?

DALYIA -- Irá consigo, está claro? Não se poderia deixar a menina sozinha na cidade, em pleno carnaval. Seria uma temeridade.

ESTEVÃO -- (PENSANDO SE PODE PARAR-DISPERTAR) A não ser que ela quisesse ir consigo para a fazenda do doutor Albuquerque...

DALYIA -- (CORTE) Que esperanças! Nem eu deixaria tanto tempo a minha filha lá naquela fazenda, sabendo que minha filha estava lá naquele fim de mundo, exposta a todos os perigos? E não ela aceitar esse convite. Se quer ter a prova faça a experiência.

ESTEVÃO -- Para quê se você ia ficar preocupada, nem se cogita mais no assunto.

DALYIA -- Sim, é parecido assim consigo, neste particular. Tem verdadeiro horror da solidão.

ESTEVÃO -- É possível. O Albuquerque tinha tanta vontade que não hesitou e eu lhe devo tantos favores, que não costaria de negar-lhe essa alegria.

DALYIA -- Mas por que você não vai fazer-lhe companhia?

ESTEVÃO -- Sim, senhor!

DALYIA -- Que é que tem? Se disserem que nunca nos separaram...

ESTEVÃO -- Não... é verdade... nos separaram, mas sempre em objeto de trabalho... nunca assim separadamente...

DALYIA - Mas um dever de amizade não deixa de ser, também, um motivo justo.

ESTEVÃO - De fato, é o doutor Albuquerque é dos bons amigos que eu tenho.

DALYIA - Pois então... Vê passar a semana de Carnaval sem ele e explique-lhe que por motivo de enfermidade de uma amiga, não pode ir e mesmo praçar.

DALYIA OLHA O RELÓGIO DE PULSO E SE ASSUSTA.

DALYIA - Meu Deus! Já estamos na hora de jantar e eu aqui fazendo pacifista e conversando.

DALYIA JUNTA AS CARTAS E AS COLOCA NUMA CAIXINHA QUE ESTÁ SOBRE A MESA, LEVANTA-SE.

DALYIA - Vou jantar é deolinda que vive o jantar. Com licença.

DALYIA SAI. ESTEVÃO FICA EM MOMENTO QUANDO PARA CONTINUAR A SAIDA DE SA. QUANDO BIA DE SAMPRECE, CORRE PARA O TELEFONE E FAZ UMA LIGACÃO, CUIDANDO SEMPRE A RIRIA POR ONDE DA LULA SATU E PALANCO EM TOM ESCURO.

ESTEVÃO - Alô! É o Estevão? (PAUSA) É o Estevão aqui. (PAUSA) É que eu estou falando baixo, por que minha mulher está em casa. (PAUSA) Por enquanto, não. Se eu andar de assunto repentaneamente, vou ficar sabendo que ela apareceu. (PAUSA) Tudo aqui. Apliquei o golpe pegou que deu gosto. Vou fazer um carnaval do baculo. (PAUSA) Vai para na s anatómia aí, acompanhar uma amiga que está doente. (PAUSA) Não, não tem perigo. (PAUSA) Mas hein, eu nem falei no teu nome envolvi na conversa o nome do Albuquerque. Ela nunca fala com ele... (PAUSA) Mas, depois eu passo no teu escritório para nós continuarmos tudo. Combinado? (PAUSA) Mas olha, como já te avisei que desejo para porcoiza a mesquinha, não (PAUSA) Glória. As mulheres foram sempre o meu fracasso, tu sabes disso... (PAUSA) Que letras não leuras. Já estou farto delas. As letras...

NESTE MOMENTO ELE OLHA PARA A RÓDIA E VÊ SURTIR

DALYIA QUE LHOO PRESSA ATRELIÇÃO A) QUE BIE ESTÁ INTENDO, EIA NHO PORDE A OLASSE E EMENDA.

ESTEVÃO - (MAYO AITO) As letras espigas dos artigos mudadas, é um espetáculo que a gente vê uma vez a pouco mais ou menos. (MUSA) Entretanto, mas como eu já disse, o espetáculo das espigas leitas é que me estava para a

Fazenda de Albuquerque. (PAUSA) Não, não, infelizmente a minha senhora não pode ir. Vai ter que cuidar uma amiga enferma. (PAUSA) Claro, seria um prazer muito mais completo para mim. (PAUSA) Claro, o que não tem remédio, não tem remédio. (PAUSA) Está certo. Até amanhã, então e um abraço para ti.

ESTEVÃO DESLIGA O TELEFONE E FICA RECOSOSO, NÃO SABE O QUE DALIA TERIA OUVIDO.

DALIA - Estevão, o jantar está servido. Venha logo para que a sopa não esfrie.
ESTEVÃO - Sim, sim. Eu já vou em seguida, meu amor.

DALIA SAI POR ONDE ENTROU.

ESTEVÃO A abo que ela não percebeu nada, ainda tinha dado um estile de tamanho de um bande. Ela não é mulher de guardar. Se tivesse desafiado de alguma coisa, já estaria pendo o prete no branco.

ESPRECA AS MÃOS SOBRIEDENTE, ANTECIPANDO O CARNAVAL QUE VAI FAZER.

ESTEVÃO - Uma moçeta daquelas tipo bandolim... tem o seu valor. (CANTANDO E BAILANDO EM PUNTA DE MALANDRO) Moçeta boa de ouro que me faz pensar, o teu sorriso é que me mata, ainda moçeta vai não vai, ginga moçeta, vai não vai, quebra moçeta e me desacata.

APROXIMAÇÃO ATÉ C. P. DE ESTEVÃO, QUE TANTO É CINGANDO.

ÁUDIO - PASSAGEM MISTICAL

ÁUDIO C. P. DE DALIA, COM OUTRA EL USA, EM OUTRO ANJUDO DA MESMA NALA, PASTAMENTO ATÉ P. M. DA GINA.

DALIA ESTÁ CUIDANDO EM VOLTA PARA VERIFICAR SE O MARIDO NÃO ESTÁ E, LUGO A BERTIR, VAI CAI TELOSAMENTE PARA O TELEFONE, FAZENDO UMA LIGACÃO, ESPERA UM MOMENTO E DEPOIS FALA.

DALIA - Alô quem fala? (PAUSA) quem é que está ao telefone? (PAUSA) Demente Maria, aqui é Dalila quem fala. Antuista está? (PAUSA) Chama-a em momento, sim? (PAUSA).

DALIA SOLTA O FONE COM CUIDADO E FICAR ESPERANDO UMA VEZ, VOLVENDO E RECOMANDO O APARELHO.

DALIA - Alô, antuista? Sou eu, Dalila. (PAUSA) Bem, obrigada a tu? (PAUSA) Uma grande notícia! Aho que vai para a tua casa.

de campo e vamos pedar jogar toda a semana de carnaval!(PAUSA) Ora, minha filha, como! A mãe aqui não dorme de te uca. Tivemos um convite do doutor Albuquerque, e eu não recusei a aceita-lo, mas o convenci e estevão que deveria ir.(PAUSA) Claro (BT ABAFADO, MAS COM GOSTO) - Benta, ainda, em galhosinho e quebrar que é Si-mão.(PAUSA) Não sei Antonieta. Si não precisa-se leva-la, seria melhor.(PAUSA) Tanto não que ela bata com a língua nos dentes.(PAUSA) Vamos ver, tens ainda tres dias à nossa frente.(PAUSA) Ah, estou radiante. Esta noite não podia dormir direito, pensando no que vai ser a nossa temporada.(PAUSA) Claro! Tu achas como eu sou alucinada por um joguinho...

CORTE

P.A. DE ESTEVÃO, APARECENDO EM QUALQUER PONTO DETERMINADO.

DAÍLIA - (SEM PERDER A GRASSE) ... um joguinho de motor e saia é um maravilha. Não tem não existe coisa mais pratica. Eu sou alucinada por esses joguinhos. Eu agora comprei um de saia que tem um motor trabalhado que é um verdadeiro encanto.(PAUSA) Pois é. Isso mesmo.(LHM) Bem querida, o Estevão está aqui à minha espera e por isso eu vou desligar. Um beijinho para ti.(PAUSA) Obrigada.

DAÍLIA DESLIGA O TELEFONE, DESCONFIZADA, MAS CONTENDO-SE, PARA NÃO DAR A MERCENAR.

DAÍLIA - Você vai sair, querido?

ESTEVÃO - Vou. E estava a sua espera para lhe dizer que não vou esperar para o almoço. Já estou adiando o serviço por causa da viagem, ainda depois a 5 esta volta e me encontra todo atrasado.

DAÍLIA - É isso mesmo. Paz muito bom.

ESTEVÃO - Você já falou com nossa filha, a respeito dos seus projetos para a semana de carnaval?

DAÍLIA - Tudo não. Por que?

ESTEVÃO PORQUE eu tenho a impressão de que ela não está muito inclinada a se afastar da cidade.

DAÍLIA - Como não? Ela vai fazer o que nós de terminamos e você vai me ajudar a dar energia com ela, está a chorar perdido. Simão está ficando muito cheia de vontades, por sua filha.

ESTEVÃO - Que é que eu vou fazer, Daília?

Ela não sei dizer não a pobrezinha.

DALYIA - Pois é, e por não saber dizer não é que ela está se tornando difícil de manejar. E não vejo porque você a chame de pobrezinha. Uma menina que tem tudo...

ESTEVÃO - Bem, quer dizer... pobrezinha é modo de falar. Você tem razão, sim. Felizmente, minha filha tem tudo que quer. (COM) Bem... eu vou andando e você tente de falar com ela e quanto antes, para a gente poder se determinar.

DALYIA - Pode desmarcar aqui a pouco ou já melhor resolve a situação.

ESTEVÃO DA UM BEIJO EM DALYIA E SAZ, TODO ABRI-
HADO. DALYIA O ACOMPANHA ATÉ A PORTA E VOLTA.

CONTRA ESCENA A CAMPATINA DE TELEFONE.

DALYIA VAI ATENDENDO.

DALYIA - ALÔ! (PAUSA) SIM, QUE FALA AÍ? (P)
Ah, é você, Alexandre? (PAUSA) Você quer falar
com ela? (PAUSA) SIM... Sim... eu transmito e recebo
de. (PAUSA) De acordo. Até logo.

DALYIA DESLIGA O TELEFONE E CHAMA MELHA DENTRO.

DALYIA - Simoni (chama aqui um momento minha
filha. Há um recado para você.

DALYIA VAI AO SOFÁ E SENTA-SE ESPERANDO. LOGO
A SEQUITA A FILHA ENTRA, DIRIGINDO-SE A ELA.

SEQUITA - A senhora chamou, mamãe?

DALYIA - Sim, minha filha, o Alexandre
telefonou para você, dizendo que hoje à
sardinha trará o seu caderno de inglês.
Ela pensa que você talvez queira estudar,
durante a semana de carnaval...

SEQUITA - E vou estudar mesmo. Não pretendo
ver absolutamente nada do movimento carnavalesco.
Pretendo melhorar bastante a minha nota, isto sim.

DALYIA - Muito vai ser ótimo o lugar que escolhi
para passar a semana. Você vai ter bastante
tempo e bastante calma para estudar.

SEQUITA - Para onde a senhora está pretendo ir?

DALYIA - Para a casa de campo da Antonieta Ma-
rales. Você não é curioso, mas eu já estive lá
e posso garantir-lhe que o lugar é magnífico.
Da varanda lateral, você tem um panorama de
nossa maravilhosa - Jacon vi mais bonita. E a
casa é muito boa, muito bem mobiliada. Affian-
ça-lhe que você vai gostar.

SEQUITA - Mas e pai? ele disse, ainda hoje, que
a semana lá... ele não quer ir...

nhia a uma amiga-suzoza...

DALILA - Isso foi a desculpa que dei a-ela, pa-
ra não aceitar o convite do doutor Albuquerque
lá se reúne uma quantidade de gente que eu não
conheço e não se pode estar a vontade. Já Anto-
nieta, pelo fato de ser viúva, convidada apenas
tres ou quatro senhoras e todas intimas. É ou-
tra coisa.

SYMONNE - Pois olhe, mãe, eu lamento muito mas
não vou acompanhá-la. Vou ficar na cidade.

AUDY - ACORDE DE CHOQUE VOLENTO.

DALILA - O quê?... Você vai ficar na cidade?
Mas ficar na cidade com quem, si eu e seu pai
vamos para fora?

SYMONNE - Não se preocupe que eu já tive o
cuidado de garantir a companhia.

DALILA - Bem, mas você sabe perfeitamente, que
não posso lhe deixar com qualquer pessoa.

SYMONNE - A que se refere para acompanhá-me, não
pode ser mais exigente, não mais exigente.

DALILA - Quem é? Indique-me que estou curiosa.

SYMONNE - Dona Edelvina.

DALILA - Dona Edelvina? Mas e o resto que
ela faz, todos os anos, na época de carnaval?

SYMONNE - Não vai fazer este ano, para servira-
me de companhia. Convidando-me, para que eu não
me desvie do caminho certo, está, da mesma ma-
neira, prestando-me o serviço a Deus.

DALILA - Bem, si ela está disposta... mas muitas
vezes vai exigir da sociedade um sacrifício mag-
no.

SYMONNE - É o que ela gosta de fazer, exata-
mente. Sacrifícios que ela oferece pelas almas
do purgatório.

DALILA - Nesse caso, vá chamá-la que eu quero
falar com ela.

SYMONNE VAI PARA O INTERIOR E DALILA SOBRI,
SATELETA, FALANDO EM NITO TON.

DALILA - Café e sopa so mel. Louie, já posso
ir embora e não preciso me preocupar. Dona Ed-
vina é um verdadeiro cão de guarda vai la-
gar-la um instante.

DALILA SE LEVANTA CONSIDERANDO, VAI AO TELEFONO
E FAZ UM DISCURSO, ESPERA UM INSTANTE E RE-
PÕE O FONE SO LUGAR, AO TEMPO QUE FALA.

DALILA - Não sei, (SERIA SE FOSSA ESTE).

HÁ UMA PASSA. BIELVIRA APARECE POR ONDE SYDNEE SAIB
 USA QUISI HONRA DE NOVYÇA. VESTIDO ESCURO, PELO TOBRO
 ZELO. CAPTEIA DE TRYCOH. O VESTIDO É AFODADO COM HQ
 IYHIA BRANEA, MANGAS BRANCIAS COMINYCAS COM FUNHOS
 BRANCOS. GABECO-LYSO, REPARTIDO AO MEIO E UM COQUE
 NA NUCA, GOSIOS, LENCENHO NA MANGA. CORRENTE COMPR
 DA COM UMA CRUZ GRANDE, PENDURAMA. TNAZ UMA BEBILIA
 NA MÃO.

BIELVIRA - A senhora queria falar comigo,
 dona Dália?

DALIA - Sim, dona Bielvira, tenha a com-
 dade de sentar-se um instante.

BIELVIRA - Com licença, (SENHA-SE)

DALIA - Dona Bielvira, eu o meu marido vamos
 passar férias em casa de amigos, os dias de carnaval
 tal.

BIELVIRA - Mas não sei, neste caso, é uma conta
 que do dinheiro, (SENHA-SE) a qual tem a
 guarda de bem tem a chave de esquivar-se.

DALIA - Naturalmente, acredito que Sr. não
 poderá acompanhar-nos, porque precisa trabalhar
 a sua conta de ingressos, onde estão, não
 se poderemos levar a em companhia de uma pes-
 soa que nos dê a mínima confiança, como é
 o caso da senhora.

BIELVIRA - Obrigada pela confiança.

DALIA - Não tem que agradecer. É um ato de
 justiça, é qual a senhora faz faz pelas suas
 virtudes próprias.

BIELVIRA, ENFURECE-SE NA CADUERA, EVADINDO-SE.

DALIA - Simplesmente de me dizer que a senha
 se encontra em o escritório a sua carteira de id
 dos os anos, para fazer-lhe companhia?

BIELVIRA - É verdade, dona Dália, Ela falou
 comigo e eu concordei.

DALIA - Não se pode não haver nada melhor
 mas eu não sei BIELVIRA se tem o direito de a-
 seguir da senhora que temanis tão grande.

BIELVIRA - Quanto maior é a confiança, mais valor
 ela adquire nos olhos de Deus.

DALIA - Mas, se a senhora quiser a que não me
 esse ponto de vista, eu já me sinto mais à vol-
 tade para aceitar a sua confiança, que dizer
 não, que posso confiar no meu marido que a
 minha filha não tem virtudes?

EDELVIRA - Tudo, sim senhora. Eu apenas lhe pe-
diria que, em outra ocasião, a senhora se conge-
desse tres ou quatro dias para o meu retiro.

DAILIA - É justo. É justissimo. Esses dias estão,
desde já, concedidos para quando a senhora desejar
faz.

EDELVIRA - Obrigada. Penso que os aproveitarei
na Semana Santa.

DAILIA - Quando a senhora quiser. E quando a
minha filha, penso que não precisarei fazer-lhe
nenhuma recomendação; não é verdade?

EDELVIRA - De forma alguma. Penso que não arrada-
remos pé de casa, mas se vai acontecer a senha
ela pode estar certa que estará agarrada a ela
como um carapato.

DAILIA - Eu sei, eu sei e por isso mesmo é que
vou inteiramente tranquila.

EDELVIRA - E se estiver entendidas, pede-lhe que
me conceda licença para continuar a minha leitura.

DAILIA - Esteja a vontade, dona Edelvira.

EDELVIRA SE LEVANTA, DIGNA E SE RETIRA POR ONDE
VEIO. DAILIA SORRI, SE LEVANTA, DIRIGINDO-SE PA-
RA O TELEFONE. FAZ UMA LIGAÇÃO, BREVIA UM POUCO.

DAILIA - Antonieta? (PAUSA) É Dailia. Acabo de
querer o galho que faltava. Dona Edelvira vai
ficar acompanhando minha filha. (PAUSA) Claro, não pô-
dia haver nada melhor. Agora estou livre. Com-
~~pletamente~~pletamente livre para jogar a semana inteira.

DAILIA COMEÇA A GARGALHAR COM VOLTADA.

A PROXIMAÇÃO ATÉ G.P. DE DAILIA BUNDO, FELIZ.

AMIGO - MUSICA PARA ENCHEMOS O 1º ATO.

SUPERMÉ
~~INDICADA~~

FIM DO PRIMEIRO ATO.

PROPAGANDA COMERCIAL.

2º ATO

AUDIO - MUSICA PARA ABERTURA DO 2º ATO.

ABERTURA EM DOIS DE MÃOS DE EDELVIRA,
ARRUMANDO UMAS PEÇAS DE ROUPA DE HO-
MEM NUMA MALA.

AFASTAMENTO ATÉ ENQUADRAM EDELVIRA EM
P.M.

EDELVIRA FECHA A MALA E COLOCA-A EM SO-
SIGÃO DE MÃO AGARRADA PELA ALÇA. ENTRA,
TODO VESTIDO ESPORTIVAMENTE, ESTEVÃO DE
DENTRO DE CASA E PRONTO PARA VIAJAR.

ESTEVÃO - Está pronta a minha mala, dona Edel-
vira?

EDELVIRA - Está dentro Estevão. Quer que chame
o chauffeur para levá-la ao carro?

ESTEVÃO - Não é preciso. Se mesmo a levar.

TOMA O PÊSO DA MALA E VESTIÇÃO COM O LEVÃO.

ESTEVÃO - Não está pesado. Voto por todas
as roupas que eu relacionei?

EDELVIRA - Sim, senhor. E tenho a lembrança
de levar uma coisa a mais, que o senhor não
podia.

ESTEVÃO - Que foi?

EDELVIRA - Um exemplar da Bíblia, para que
o senhor, na paz e no recolhimento do campo,
leia algumas das suas passagens e medite so-
bre elas. Não existe coisa melhor, para se ligar
por uma ligação mental.

ESTEVÃO - (PIANDO) Tem razão, só na Bíblia
tem toda a razão. Procedeu com muito acerto e
de bastante boa agradeço. Naturalmente vou ter
muito tempo por ler. Não há mais o que fazer
la fora.

EDELVIRA - Vou exatamente o que pediu e por isso
se give a lembrança.

ESTEVÃO - Minha filha ainda dorme?

EDELVIRA - Sim, senhor. Chamou-a por duas vezes
para que se despi e se deitasse e deitou. De-
itou, mas não conseguiu vencer o sono e logo
adormeceu.

ESTEVÃO - Deixe-a dormir. Diga a ela que lhe de-
sei as boas noites.

EDELVIRA - Sim, senhor. O seu recado está trans-
mitido.

ESTEVÃO - Até a volta, dona Edelvira e felicidades por aqui.

EDELVIRA - Obrigada, doutor Estevão. Que Deus o acompanhe e o senhor possa fazer uma boa viagem.

ESTEVÃO - Muito obrigado.

ESTEVÃO APENHA A MALA ONDE ELA ESTÁ E SAI EM DIREÇÃO À SUA, ACOMPANHADO DE DONA EDELVIRA QUE LHE ABRE A PORTA E FECHA-A.

ESTEVÃO - (NA PORTA) Até a volta.

EDELVIRA - Até a volta, doutor.

FECHADA A PORTA, EDELVIRA VEM PARA O CENTRO DA CENA, APROXIMANDO-SE DO SEU SEDEJO E SENTANDO-SE A LER. HÁ UMA PAUSE. ENTRA DALILA, VESTIDA COM GRANDE ELEGANCIA ESQUISITA, VESTINDO AS MÃOS. TRAZ UMA FRANQUETA NA MÃO.

EDELVIRA - Quer que eu vá buscar a sua mala, dona Dalila?

DALILA - Obrigada. Ela já deve estar até no meu carro. A Fernanda levou-a pela porta de serviço.

EDELVIRA - Que pena! A sua Franqueira não deve ter lugar para mais nada, pois não?

DALILA - Realmente. Não consegui levar todos os meus cremes. Tanto assim, que boto apenas tres-vidras de perfume, quando a senhora sabe que são perfumes diferentes em cada dia da semana. Mas por que a senhora me faz essa pergunta?

EDELVIRA APENHA UM VOLUME EMBOCADADO E AMARRADO E MOSTRA-O A DALILA.

EDELVIRA - Porque se gostaria que a senhora levasse este livro, para ler nas suas horas vagas.

DALILA - Ah, pois não, mas eu não preciso de tal coisa na mala ou na franqueira, posso leva-la na mão mesmo.

EDELVIRA - (ENTREGANDO-O) Então leve-o. Leve-o que ele há de ser grande proveito para a senhora.

DALILA - (COM TODA A HYPOCRISIA) Sem toda a certeza. Mas como se chama esse livro?

EDELVIRA - É a Bíblia, dona Dalila.

DALILA - (DESFIANDO-DO NA S-FRONTA) Ah, sim. Foi uma lembrança muito valiosa, realmente... A Bíblia... pois é... Se não tem muito tempo, com caro...

3a

EDELVIRA - Por isso me lembrei.

DAISIA - A-senhora é uma pessoa formidável, dona Edelvira!

EDELVIRA - É bondade sua.

DAISIA - Não é bondade, não. Eu digo porque realmente a senhora é.

EDELVIRA - Certo, apenas, com as meus deveres de orfã. Sirvo humildemente e procuro salvar as almas que se perdem.

DAISIA - Pois então? É um serviço enorme que que a senhora presta as almas pecadoras (1) a minha filha, ainda está desmido?

EDELVIRA - Sim senhora. Quer que vá de casa?

DAISIA - Não é preciso. Deixe-a sair. Quando ela acordar, diga-lhe que deixe um beijo e um abraço para ela e espere que ela não lhe dê muito trabalho.

EDELVIRA - Não vai dar, não, ficou tranquila. Não me estude e é um mil maravilha.

DAISIA - Muito bem, então até quarta-feira da próxima semana, quando estarei de volta para o almoço.

EDELVIRA - Até quarta-feira, dona Daisia. Que pena a ausência e um bom descanso para a senhora.

DAISIA - Obrigada.

DAISIA VAI PARA A PORTA, LEVANDO A FRASETEIRA E EDELVIRA ACOMPANHA-A. ABRE O PORTÃO E FECHANDO A PORTA, DEPOIS QUE ELA SAÍ, EDVIRA TOLHA A OMBREIRA COM A ESTRELA.

ACTO - PASSAGEM MUSICAL

APROXIMAÇÃO ATÉ DEUS DA BARRA NAS MÃOS DE EDELVIRA.

POSSO COM VER DE UMA REVISTA NAS MÃOS DE SYMONE QUE ESTA DE PÉSSIMO HUMOR QUANTO AINDA DA BARRA.

SYMONE DE A REVISTA POR ALGUNS MOMENTOS, ANTES DA IRMÃ RICHARD.

APARTEAMENTO ATÉ FRENTE A CASA.

EDVIRA RICHARD, TRAZENDO UM CARRILHO COM BARRAS, COCA-COLA, CERVEJA, SAIS E TENS, TAÇA E BOLA DE DEUS, PÃO TENS E TENS.

EDELVIRA - Aqui está a sua seleção de comida minha, trouxe de casa, que havia um carrilho com os seus.

SYMONE - Mas Deus! Para que tanta coisa? Não há que trazer nada. Eu comentei com o pai que não quero de nada mais além disso. Boa noite.

EDELVIRA - Eu sei, mas como você precisa se alimentar e deve engordar um pouquinho, eu pensei que você vendo os alimentos, talvez sentisse vontade de ingeri-los.

SYMONNE - De muita nunca-sinto apetite. Depois que saí e faço um pouco-de exercício, aí sim. Mas é papai saíam muito cedo?

EDELVIRA - Seu pai, com as primeiras-lançadeiras da-alvorada, que não logo depois. Deixaram um beijo de despedida para você.

SYMONNE - Obrigada. Não mangaram por eu não acordar?

EDELVIRA - Não, nenhuma. Pelo contrário. Perguntou-lhes se desejavam que a acordasse e ambos me rogaram a mesma coisa que a deixasse dormir.

SYMONNE - Eu não sei e que está se passando com eles, que de dois dias para cá andam numa anabilidade tão grande assim, que eu até estou extralutando.

EDELVIRA - Sabe que ambos levaram a Bíblia para ler lá fora?

SYMONNE - Não pode ser, Davido.

EDELVIRA - Levaram, sim senhora. Sei que levaram porque fui eu que ofereci os exemplares a ambos.

SYMONNE - Ah, bom mas então não tiveram outro remédio.

EDELVIRA - Que é isso senhora? Não faço uma injustiça de tirar a meus pais. Ambos mostraram-se muito satisfeitos com a minha lembrança, que tiveram a vontade de classificar de muito feliz.

SYMONNE - (ISSIM ACREDITAR) Não, pode ser ...

SYMONNE COME UMA BANANA E DEPOIS COME UMA TAÇA DE CHÉ COM DOIS BISCOITOS, DURANTE ESTA CENA,

SYMONNE - Dona Edelvira, a senhora soube foi a sua festa?

EDELVIRA - Como não. Muitas. Todas as festas que a minha congregação realiza no-solho por aqui, qual da minha igreja. E lá, eu fui, sempre, uma das organizadoras.

SYMONNE - Não, mas eu não faço dessas festas de caráter piedoso, defiro-me a festas... festas.

EDELVIRA - Essas festas de caráter mundano é o que eu quero saber?

SYMONNE - Exatamente.

EDELVIRA - Não, não sou muito franca, mas sou muito sincera.

SIMONE - E a senhora nunca dançou?

EDELVIRA - (BENZE-SE) - Deus no livro?

SIMONE - Nunca foi a um cinema?

EDELVIRA - Duas vezes. Assisti a Paixão de Cristo e "As Horas da Nossa Senhora".

SIMONE - E a um baile de carnaval, a senhora nunca teve curiosidade de assistir?

EDELVIRA - Está louca, menina? Prefiro morrer a cometer um pecado dessa natureza.

SIMONE - Mas a senhora acha pecado assistir a um baile de carnaval? Apenas assistir? Parece-me demasiado rigor da sua parte.

EDELVIRA - Talvez, não discute o seu ponto de vista, mas quem foi criada e educada da maneira como eu fui, não pode tolerar nem mesmo a proximidade de tais horrores.

SIMONE - Pois olhe, dona Edelvira, se vou lhe dizer francamente que para a senhora julgar os bailes com menos rigor, deveria assistir a um deles.

EDELVIRA - Nunca!

SIMONE - Devia, sim, porque eles não são, em absoluto, e que a senhora imagina.

EDELVIRA - Anedite, como não? Devo ser muito pirosa.

SIMONE - Não são, não é a senhora vai perder os seus olhos, porque hoje, de noite, há umas coisas que a um baile de carnaval.

AUDIO - ACORDE DE SUETO VIOLENTO.

EDELVIRA SE LEVANTA RAPIDAMENTE, COMO QUE TOCADA POR UMA MÃO. ESTÁ PENSATIVA. :-

EDELVIRA - Mas não que não ouvi muito bem e que você disse, porque não quero pensar que vou estar ficando louca, menina.

SIMONE - Não se está ficando louca, não é a senhora ouviu por aí tarenta e que eu disse hoje de noite mesmo, as duas, a um baile de carnaval.

EDELVIRA PÕE A MÃO NA TESTA DE SIMONE COMO QUEM VE SE A PESSOA ESTÁ COM FEBRE.

EDELVIRA - Você deve estar delirando. Não pode ser de outra forma.

SIMONE - Não está delirando, não, dona Edelvira. Sei muito bem o que estou dizendo. A senhora não há de pensar que eu vá a um baile de carnaval nenhuma. Não é verdade? Pois se a senhora não me acompanhar, isto vai acontecer.

6a

EDSELVIRA - Você perdeu o juízo de repente, menina?
SYDNEE - Não perdi, não senhora e sei muito bem o que estou afirmando. Esta noite nós vamos fazer uma farfinha de carnaval.

EDSELVIRA - Você não pode deixar de estar deitada. Mas então note-se a minha falta de carnaval, na idade em que estou? Ou que vida é a vida de uma mulher para? Mas e não teria cara para isso.

SYDNEE - Não tem a, mas vai ter. Ou lhe-arruete a cara. E essa questão de idade é uma coisa muito grande, porque a senhora é, ainda, uma mulher nova e se quiser se arruete um pouco melhor, há de ter umas ideias bem atraentes.

TOCUM NA CORDA SENSIVEL DE EDELVIRA QUE PARA UM MOMENTO PENSANDO, COM SORRISO DE FLAND AGUADO.

EDSELVIRA - É mesmo? Você acha realmente que eu ainda ~~me~~ meiga e que possa me tornar uma mulher atraente?

SYDNEE - Mas que dúvida é só puxar os seus olhos e o sorriso dos seus lábios que são muito bonos, os dedos, fazer descer a beleza das suas mãos que são surpreendentemente de expressão e de beleza e eu duvido que um homem de bom gosto deixe de olhar para a senhora com interesse.

EDSELVIRA - (RISOS E DENUNSA) Ah, menina! Pare de dizer coisas dessas. Acabará por me convencer que deve parar.

SYDNEE - Mas claro que deve. Isso é um peccadinho tão-bonito que não pode corrigir-se. Ou vou lhe ensinar a a senhora vai ver o sucesso que fará.

EDSELVIRA - Não sei, não sei se deve...

SYDNEE - Deve, não é não se discute mais e acerta. Se a senhora não tiver coragem de ir com a sua cara, eu lhe arrueto uma noção.

EDSELVIRA - (RISOS) Não, não... não sei. Se eu me arrueto por me fazer bonita, não vejo necessidade de máscara.

SYDNEE - Não se deixe estas coisas combinadas. Vou lhe ensinar uma farfinha, ou um bonito vestidinho de baile de máscaras e logo mais nos estaremos assistindo ao nosso primeiro baile de carnaval.

EDSELVIRA ABRE UM LUGAR QUE ELA ESTAVA OCUPANDO E COMEÇA A SE AMANHAR COM ELA, AGITADAMENTE. MIRA COM O LUGAR QUE ABERTO É COMEÇA, OLHANDO PARA SYDNEE.

FIN.

7a

EDLIVIRA - Essa menina... essa menina...
 ao que ela é capaz de arrastar a gente, Meu Deus!

APROXIMAÇÃO ATÉ DEB DO LEQUE NA MÃO
 DE SIMONE.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

FUSÃO COM DEB DE LEQUE DE CARTAS, NA
 MÃO DE DALILA, SENTADA COM MAIS DUAS
 SENHORAS, NUMA MESA DE JOGO

- SALHA COLOMBIAL DE CASA DE CAMPO -

1ª SENHORA - Você está tristonha, Dalila.

Por que? Não parece que está ganhando...

DALILA - A mim não importa ganhar ou perder,
 o meu gosto é jogar.

2ª SENHORA - Mas você não está jogando?

Por tanto não tem razão de estar tristonha.

DALILA - É que eu já estou pensando que amanhã
 varinha e meu marido. Volto para a cidade e re-
 começo a minha vida. Cuidar da casa...
 cuidar da filha... cuidar a roupa de marido...

1ª SENHORA - E porque você não faz nada em que
 não cuide de nada disso? Está uma governante e
 pronta.

2ª SENHORA - Mas Dalila, não é dona Edelvira que
 faz tudo isso para você?

DALILA - Sim... não dá para... ela faz... mas a gente
 como dona de casa tem sempre que trabalhar.

2ª SENHORA - Fazer isso com um filho sem filhos,
 não tem nada para se fazer.

1ª SENHORA - Mas afinal vocês não prestam aten-
 ção ao jogo, ou querem conversar? Se querem con-
 versar a gente volta as cartas.

DALILA - (NAFIDA) Não, não... que conversar o quê!
 É o último dia que tens para jogar e vamos de-
 ixar as cartas? Não dá para... Eu hoje não jantei
 nem deus. Sair daqui da mesa para o auto-
 mobil, amanhã as oito horas da madrugada.

AS OUTRAS JEM COM VONZADE E O JOGO SEGUIR

APROXIMAÇÃO ATÉ G.P. DE DALILA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

FUSÃO COM G.P. DE EDLIVIRA, SENTADA AO LADO
 AO LADO DE SIMONE QUE DESTA VEZ ESTÁ COM SARA E ELISA.

EDLIVIRA com a REGINA BOMBA.

AFASTAMENTO ATÉ P.A. DAS DUAS

SIMONE - Hoje é a nossa despedida de Carnaval,
 dona Edelvira.

EDLIVIRA - Não, minha, chega. Vou já me fer-
 rir de uma das minhas não se faz a terceira.

SYMON - Mas por que? Um peccadinho a mais ou a menos, que-differença faz?

EDELVIRA - Quanto mais se pecca, maior é o debito para com o senhor.

SYMON - Escute aqui, dona Edolvinas: vamos conversar como boas amigas que somos. A senhora não gostou das minhas farrinhas? Diga com franqueza. Não minta que também é peccado.

EDELVIRA - Bem... que dizer... eu devo confessar que me diverte bastante. Principalmente depois que aquelle caixeiro viajante foi me tirar para dançar e não me largou mais.

SYMON - Pois então? E se a senhora gostou, porque não repetir hoje, que é a ultima noite? Garante-lhe com o seu caixeiro viajante há de estar lá a sua espera.

EDELVIRA - (BARBANDO A NYLIA) Você acha?

SYMON - Não se trata de um animal?

EDELVIRA - Tenho a certeza de que estou dizendo. Vada mais que ele não chegou a lhe conhecer, porque a senhora não tirou a máscara.

EDELVIRA - Ah não tire. Mas acontece que eu preciso a ele que hoje tirava a máscara e não quero fazer. Por isso prefiro não ir.

SYMON - Mas a senhora não precisa tirar. Vá protestando, dizendo que no fim do baile a senhora tira e de repente não fazemos caso nos outros dias. Fugimos do baile e desaparecemos.

(NÚBIA) E então? Que resolve?

EDELVIRA - (TEL. A D. NÃO SEI...) Não sei... não sei... eu estou indecisa... não tenho nada que eu repito e que fez em...

SYMON - Que foi que ela fez?

EDELVIRA - Deixa-me aqui na mão e depois - grande eu me deitei - levei-a ao parque de tempo com um jardim e jardim. Parecia que me queria e eu a largar e eu não hei de...

SYMON - Mas se a senhora não quer que eu vá a fazer isso, basta mandá-lo de não tirar a sua máscara.

EDELVIRA - Ah, pois não mais... é que estou com a cabeça muito quente e não quero que eu vá a fazer...

SYMON - Que é isso, então, que por causa da sua incerteza eu vou ficar sem o meu ultimo baile de...

3a

ROSELYRA - Não é só você. Eu também vou ficar.
SYDNE - Mas a senhora é porque quer. Eu porque sou obrigada.

ROSELYRA - Bem...então vamos fazer o seguinte. Vamos tirar a noite.

SYDNE - Nada disso. Vamos logo ao baile e está acabado.

ROSELYRA - Está bem...então vamos...e seja o que Deus quiser!

APROXIMAÇÃO ATE G.F. DE ROSELYRA

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL -

FUSÃO COM 29

- FIM DO 29 ATO

- ESTAMOS APRESENTANDO

- 30 ATO

AUDIO - ABERTURA PARA O 30 ATO.

ABERTURA EM DET DE LEQUE DE CARTAS,

NA MÃO DE DALILA.

AFASTAMENTO ATE ENQUADRAR AS OUTRAS PARCETAS.

- BATA DE CASA DE CAMPO

VIDEO - EPILODO DE NOITE

TITULAGEM - EPILODO DE NOITE.

LA SENHORA - Que tal uma panela, ao fim desta partida, para nos refrescarmos aqui um café?

LA SENHORA - Não seria mau. Eu já estou conseguindo a quem eu ficar com esta.

DALILA - Você não sabe freixas. Deixa-se perdões!

1ª SENHORA - Freixa, nada. Você sabe que horas são? Três da madrugada.

DALILA - É o que tem isto? Eu sou copas de enfiar até às três da tarde, sem se levantar. Decidem de café, não vamos perder tempo. Olha que temos só mais cinco horas para jogar e elas passam voando.

2ª SENHORA - Mas eu não aguento, se não tomar um café com leite.

1ª SENHORA - Já também tenho a impressão que não resolve.

DALILA - É, eu já vi que vocês não são para jogar para mim. Você não tem ninguém que possa jogar o café? Será mesmo interdito jogar o café?

2ª SENHORA - Algumas que você diz é uma empregada?

DALILA - Claro. Quem mais há de estar aí em casa que não seja empregada?

1ª SENHORA - Você conhece alguma empregada que não seja de casa? Se conhece, não se esqueça de avisar a minha mãe que ela pagaria o que ela quiser.

DALILA - Já disse Helvira, ficou lá em casa, quando a S. soube.

2ª SENHORA - Não, não, não. Helvira é o único que não está lá em casa. Ela não pode ir porque ela não tem a chave da porta de casa e não se atreve.

DALILA - Oh, mas ela também batia no sino para ela? Ou você pensa que ela não sabe?

1ª SENHORA - Não, ela batia na sua porta, é verdade. Mas ela não deixou de ir lá porque ela não sabe a senha que não é esta.

DALILA - Pronto, ganhou. E agora, enquanto eu embalsamo as cartas e distribuo, vão tomar depressa o café de vocês.

AS DUAS SE LEVANTAM PARA SAIR PELA CÂMERA.

2ª SENHORA - Você também não quer?

DALILA - Se você quiserem me trazer aqui, eu toco.

AS DUAS SAEM E DALILA JUNTA AS CARTAS, ENBARALHA-AS, PERDE-AS E COMEÇA A DAR PARA ELA E PARA AS OUTRAS.

MOVIMENTO DE DIT DO LEQUE DE CARTAS

MÃO DE DALILA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

MÃO COM DIT DE UM LEQUE DO COSTO DE

SIMONE QUE ESTÁ PARA DENTRO DA SALA.

SALA LUXUOSA E MODERNA.

ESTEVÃO ENTRA DE CAMISA DE FANTASIA, CHAPÉU DE CARNAVEL, UM NARIZ POSTIÇO E LANÇA PERFUME NA MÃO, VAI ATÉ O CENTRO DA SALA, ESPIA E VOLTA PARA O CANTO ONDE ESTÁ SIMONE.

ESTEVÃO - Pode entrar sem medo. Não tem ninguém ninguém. Estão todos fora.

SIMONE SE ADLANTA DOIS PASSOS, FINGINDO-SE RECOSA VESTIDA DE BAILARINA OU DE COLOMBINA, MÁSCARA INTELIGENTE E LONGA CAPA PRETA LIGUE NA MÃO.

SIMONE - (com a máscara) Não sei se deve...

ESTEVÃO - É por que não? Eu não sou nenhum lobo que a vá devorar. Você deve estar cansada. Sente-se. Sente-se para descansar um pouco.

SIMONE • ENTRA SIMULANDO MEDO, SENTA-SE NO SOFÁ.

ESTEVÃO SENTA AO LADO DE SIMONE E TENTA TIRAR-LHE A MÁSCARA, MAS ELA O IMPEDIR.

ESTEVÃO - Mas você não tira suas máscaras não está?

SIMONE - De quando não. Dequi a pouco.

ESTEVÃO - Mas que máscara é essa, agora eu não vejo a pouco.

SIMONE - De-me tempo para tomar coragem, é isto.

ESTEVÃO - É corajosa que lhe falou isso, então isso não é proibido. Repete um momento.

ESTEVÃO LEVANTA O TAL E UM BOLA E SERVE DOIS
COPOS DE WHISKY QUE TRAZ PARA O SOPA, ENTREGANDO
UM A SIMONE QUE O RECEBE

ESTEVÃO - Baba! Não há de ver como logo a cori
deu virã:

SIMONE - Mas então virã para lá porque eu farei
que levantar e encerra.

ESTEVÃO - Esta tá. Farei todas as tuas vontades
minha flor.

ESTEVÃO VIRA DE COSTAS PARA SIMONE QUE DESPEJA
O COPO DE WHISKY PARA TRAZ DO SOPA.

ESTEVÃO - Já posso ouvir?

SIMONE - Pode.

ESTEVÃO RECEBE O ~~COPO~~ QUE SIMONE LHE ENTREGA.

ESTEVÃO - O quê? Você tomou tudo de uma vez
est?

SIMONE - Tomar. Não era para tomar?

ESTEVÃO - Bem, quem é que... importante não
não tem. Só que o efeito vai ser mais rápido.

SIMONE - Pois não é isso que você quer?

ESTEVÃO - Sem dúvida. Estou ansioso para ver o
seu rosto. Adicione o resto a gelatinosa. Sim,
você deve dar um abraço.

SIMONE - E você não tem nada que o seu corpo possa
se transformar em um demônio?

ESTEVÃO - Não dá para fazer. Os demônios
partem surgindo em demônios e eu não sou
a perfeição que eu quero e eu não quero m
inspire.

SIMONE - Tá, tá. Não vou fazer o melhor não tem
nada.

ESTEVÃO - Filled? (sim) Absolutamente. Como
pode ser filled? Eu não me lembro a história.

SIMONE - Tá. O demônio voltou?

ESTEVÃO - Não, não tem.

SIMONE - Pois não é isso que eu quero? Não é
que eu quero?

SIMONE - Para ser honesto, não sei se posso fazer isso.

ESTEVÃO - Não precisa deixar isso de parte e vá embora. Não precisa. Ainda não está na hora de tirar a máscara.

SIMONE - Você quer mesmo?

ESTEVÃO - Mas não precisa, porque coisa de não fazer não precisa ser feita. Não precisa ser feita. Quer?

SIMONE - Não, não. Não penso que isso é preciso. Não quero que você comece a se envergonhar.

ESTEVÃO - É melhor que se prometa que não vai sair daqui e tirar a máscara.

SIMONE - Não, não, eu prometo, mas sabe que eu estou começando a pensar que você vai se arrepender de sua insistência?

ESTEVÃO - Por quê? Afinal, se beijá-la e com esse carinho e respeito, não conseguirá satisfazer a nenhuma das coisas.

SIMONE - Já vejo que o senhor é muito ardoroso, e me torno a repetir-lhe que talvez se arrependa.

ESTEVÃO - Por quê? Você não sabe beijar? Eu lhe ensinarei. Tire a máscara, querida, tire.

SIMONE - Está bem. Prometo... O senhor insiste... eu tenho que tirar...

SIMONE SE LEVANTA E DA AS COSTAS PARA A CÂMERA.

SIMONE - Quer me fazer o favor de ajudar-me a tirá-la?

ESTEVÃO - Com o maior prazer.

SIMONE - Veja se consegue desamarrar o cordão.

ESTEVÃO COMEÇA A DESAMARRAR A MÁSCARA, PONDO-SE, TAMBÉM, DE COSTAS PARA A CÂMERA. SIMONE TIRA A MÁSCARA E LEVA-A PARA UM LADO, NA MESMA ALTURA DO BOSTO, PARA UM INSTANTE ASSIM, A SEGUIR JOGA A MÁSCARA NO SOFÁ.

ESTEVÃO - Vamos. O que espera para me deixar ver sua beleza?

SIMONE SE VOLTA RAPIDAMENTE DE FRENTE PARA ELE, AO TEMPO QUE ELE FALA, JÁ COM VOZ NATURAL.

SIMONE - Aqui me tem.

AUDIO - VERDADEIRO CHICOTÃO MUSICAL.

HÁ UMA PAUSA. ESTEVÃO COBRE O ROSTO COM AS DUAS MÃOS E SE VIRA RAPIDAMENTE PARA A CÂMERA, OU SEJA, DE COSTAS PARA A FILHA.

ESTEVÃO - Que horror, não, Deus! É minha filha! SIMONE HERMANSCHE IMPASSIVEL COM A EXPRESSÃO SEVE- RA, PARADA NO MESMO LUGAR. ESTEVÃO DESCOBRE O ROSTO LENTAMENTE E SUA EXPRESSÃO DE HORROR VAI SE TRANS- FORMANDO LENTAMENTE EM COLÉRIO QUE ELE, AO FALAR, PRO- QUEBA CONTRA.

ESTEVÃO - Como você pode parar a... menina? Como que se dá explicações.

SIMONE - (silêncio) Ah, não que tanto o senhor exige?

ESTEVÃO - Não, não, não.

SIMONE - Mas o senhor não tem a obrigação de ex- gibir coisas algumas, papai.

ESTEVÃO - (relaxando ainda mais) Ora não... E por que não? Então não sou seu pai?

SIMONE - Não, não importa. Quando se deixou de ser pai, deixou de ser pai. Quando se deixou de ser pai, deixou de ser pai. Quando se deixou de ser pai, deixou de ser pai.

ESTEVÃO - Ah, não, não. Mas como você pode... não se deixar de ser pai para a sua filha? Não se deixar de ser pai para a sua filha? Não se deixar de ser pai para a sua filha?

SIMONE - Não, não. Mas como você pode... não se deixar de ser pai para a sua filha? Não se deixar de ser pai para a sua filha? Não se deixar de ser pai para a sua filha?

ESTEVÃO - Mas não me dá para isso...
arinal?

SIMONE - Para a casa de campo de dona Antonie-
ta, onde deve estar jogando até agora, indife-
rente ao que possa ter sucedido.

ESTEVÃO - Não é possível! Eu não posso acredita-
r uma coisa destas.

SIMONE - É, mas todos os dias vejo tele-
fonar para a casa de campo, lá há o jogo e a
música também.

ESTEVÃO - Mas não é o dia de hoje?

SIMONE - Consegue como se vê que ela ainda
tem a sua casa aqui, e não se mudou para
a casa de campo.

ESTEVÃO - (olhando para o telefone)
dizer que não está jogando lá, mas eu sei
de dona Antonieta.

SIMONE - Mas não se preocupe, não é nada.

ENTRADA DE ANTONIETA PARA O TELEFONE

ESTEVÃO - Vou falar com ela para que tenha
em definitivo, não se preocupe com
nada disso.

SIMONE SE APRESSA E SE COLIGA NA FRENTE DO TELEFONE

SIMONE - "Certo que o senhor tem o direito
de saber o que está acontecendo, mas
o seu procedimento

ENTRA ANTONIETA DESESPERADA DE FRAQUINHA NA MÃO QUE
ELA MANTA NA PRIMEIRA CADEIRA POR ONDE PASSA DA COM
O MARIDO E A FILHA E FICA COM O COMPARTAMENTO DESO-
CUPADO.

ANTONIETA - Como é possível? É como se
eu não tivesse nada a ver com isso, mas eu
sou a dona da casa, eu sei o que está acontecendo
e não quero que ninguém mais se preocupe com
isso.

ESTEVÃO - Houve nas vossas obrigações de hoje presentes para um ajuste de contas. Foi jogar com vossas amigas, deixou sua filha sózinha em casa e se eu não a encontro, por obra do acaso, em plena noite carnavalesca, e estas horas sabe Deus o que lhe estaria acontecendo.

DALLIA - Meu Deus!...

DALLIA COBERTO O ROSSO COM AS MÃOS E SE DEIXA CAIR NO SOFÁ OU NA POLTRONA QUE ESTIVER MAIS PERTO.

SIMONE - Papai, o caso não foi bem assim como o senhor está contando e o melhor de tudo é contar-me uma coisa em cima do que se passou.

ESTEVÃO CORRE PARA A FILHA E FICA BAZ COM A CABEÇA EM UM GESTO AFIRMATIVO. ELE RESISTE E SENTA-SE.

SIMONE - Quando sousto que ambos tiveram ideias de ficar juntos os dois aprendes, de agora em diante, a viver dentro da verdade, pare que não se repete o fato desta noite que poderia ter sido as piores consequências, se eu tivesse uma desculpada, como tentas outrora que andam por aí.

DALLIA - Você não devia ter feito o que fez, minha filha.

SIMONE - Mãe, a senhora não tem nenhuma direção de me recomendar. Só me deu mais exemplos. E só um pecado eu cometi esta noite.

ESTEVÃO - Qual, minha filha, qual?

SIMONE - O de ter arrebatado a ociosidade de dona Eulália para as primárias e talvez únicas das farras de sua vida.

HÁ UMA PAUSA. SIMONE VAI OLHAR NA JANELA, PARA BORA. FICA PARADA UM INSTANTE.

DALLIA - E dona Eulália? Onde estará? Ela, que sim, tem que se prestar contas de tudo isto que aconteceu.

SIMONE VEM DEPRESSA PARA PERTO DA MÃE.

SIMONE - Mãe está chegando a hora de pagar

SIMONE - Ela está chegando. Agora se usou
de um automóvel. Lá fora, mas a senhora não
lhe pedirá contas de nada, nemê.

FÁBULA - Ora essa! E por que não?

SIMONE - Porque tudo foi esquecido por mim.
Ela não teve a menor culpa. Só aconteceu em aconte-
cendo de que eu lhe falei que se ela
não fosse que eu iria embora.

GURGE EDDELVIRA NA PORTA DA ENTRADA, PANTALEAZADA
DE TIROLEZA, EMBRAGADA E GAMBALHANDO, SIGURA-SE
A UMA CADEIRA OITA PARA SIMONE E FÁBULA.

EDDELVIRA - Olá... Você está aqui?

SIMONE - Estou por que?

EDDELVIRA - Porque que havia fugido e trarei lo-
go de trazer sua mãe. Ela viuha me deixado o
numero do telefone. Depois e pouco ela vai ser
urgir se não... (OLHO PARA O LADO N VIU DALI
LA) Ah, a senhora também já chegou?

FÁBULA - (fuzada, mas contenta) Chegou.

EDDELVIRA OLHO PARA ESTREVO E AVISTOU-O.

EDDELVIRA - E o senhor também?

ESTREVO - (idem) Também.

EDDELVIRA - Então é melhor assim. Não tudo em
essa.

EDDELVIRA GAMBALHA ATRÁS DA POLTRONA ONDE SE
ESTREVO DE PERNA, AS RIAS.

EDDELVIRA - Não se esqueça de nosa furriola,
papagaio... Não se divirta tanto de minha
vida que eu não possa mais voltar para casa.
E não se esqueça de nosa furriola, papagaio.
Não se esqueça de nosa furriola, papagaio.

ESTREVO - Ela não está pensando em fugir
de novo? Não se esqueça de nosa furriola,
papagaio... Não se divirta tanto de minha
vida que eu não possa mais voltar para casa.
E não se esqueça de nosa furriola, papagaio.

DIAGNÓSTICO - Não sentiu. papel. Nos seu vasos
deixar com a água, porque todos diversos
de seu período de culpa. Vamos tratar de dormir
de espulter, esse cinema, o triste e hual-
mente episódio desta noite de carnaval!

PRY.

P. de EDIVIRA, contendo a história de
esta noite de evidência de que
PROVAÇÃO até C.P. de 1914.

AUD. O - RECEB. PORTO MORGAL.

PRY - 111

11/

111 - 111 - 111

1